

## VICTOR DE PAULA, AUTOR DO *MENARD*

**João Victor de Paula**

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

---

Seção: Discussões Literárias – 28/04/23, às 13h22

### O sequestro do *Menard*

*Antes da chegada dos anos 40, Borges escreveu  
“Pierre Menard, Autor do Quixote”. Será mesmo?*

*Todo homem deve ser capaz de todas as idéias, e suponho que no futuro o será.*

— *Pierre Menard, Autor do Quixote*, Jorge Luis Borges Victor de Paula

Em 1939, quis Jorge Luis Borges apropriar-se de um conto, e é em nome desta obra, notoriamente estabelecida no meio literário, que cabe a nós operar a devida justiça. Borges é, antes de tudo, um crítico literário, e, ainda enquanto crítico, suas *Ficções* denunciam uma faceta analítica acentuada, coisa que dá a seus contos a sensação de estarmos lendo mais uma resenha crítica com tom ficcional, ou um ensaio revisionista, do que um conto propriamente dito. É aí que reside a qualidade literária desse crítico-autor; que é, igualmente, autor-crítico.

Mas não é esse o ponto da nova investigação de hoje. O ponto é que Borges, antes de começar suas aventuras ficcionais, inspirou-se num outro escritor para dar início à sua obra; e mais do que isso: roubando-lhe um conto, um dos que mais lhe concedeu notoriedade enquanto contista. Estamos falando, é claro, de *Pierre Menard, Autor do Quixote*.

Talvez uma das premissas utilizadas para justificar o brilhantismo de Jorge Luis Borges ao ter escrito *Pierre Menard* é a sua intrínseca condição de crítico literário, isto é, nada mais “literariamente crítico” ou “criticamente imaginativo” do que um

# da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

texto (ficcional?) de tom revisionista, histórico-literário. Mas, fica a pergunta: não seria ainda mais intrínseco, e não faria ainda mais sentido, se um conto com traços tão paródicos e satíricos fosse escrito por um autor narrativo costumeiramente tão paródico e satírico quanto?

Pois bem. O autor narrativo costumeiramente paródico e satírico trata-se de Victor de Paula (exímio emulador, porém menos conhecido e de menor prestígio), verdadeiro autor de *Pierre Menard, Autor do Quixote*, e não o pressuposto Borges.

O Instituto de Pesquisas Linguístico-Literárias Fabyolla Hertz (INPELIF), com a fundação de Hertz, publicou recentemente um artigo que traz à luz a condição autoral de *Pierre Menard*, negada ao verdadeiro autor. No texto, além de fotografias anexadas e manuscritos feitos a próprio punho, o Instituto apresenta cartas trocadas entre Victor e Fabyolla (amiga e confidente literária do autor) que apresentam Victor, ainda em 1937, já citando o processo de escrita do conto, chegando a transcrever enxertos inteiros à Fabyolla, para a avaliação da confidente:

*Querida Faby,*

*Tenho pensado bastante sobre como começar o conto, já que ele se propõe a ser estático. Estou sendo claro? Quero dizer, o conto não tem sequência de acontecimentos, não é narrativo — é, antes, uma análise de obra, de forma a revelar a autoria fictícia de Quixote, por este protagonista chamado Pierre Menard. Porém não sei se o nome me agrada, talvez eu mude. Enfim, cheguei a pensar no seguinte primeiro parágrafo:*

A obra visível que deixou este romancista é de fácil e breve enumeração. São, portanto, imperdoáveis as omissões e adições perpetradas por Madame Henri Bachelier (*quis dar um tom europetizado à coisa, veja como fica...*) num catálogo falaz que certo jornal, cuja tendência protestante (*veja também se não fica de mau tom apontar dessa forma os protestantes, por favor*) não é segredo, teve a desconsideração de infligir a seus deploráveis leitores — embora estes sejam poucos e calvinistas, quando não maçons e circuncisos. Os amigos autênticos de Menard viram com alarme esse catálogo e ainda com certa tristeza. Dir-se-ia que ontem nos reunimos diante do mármore final e entre os ciprestes infâustos e já o Erro trata de empanar sua Memória... Decididamente, uma breve retificação é inevitável.

# da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

*Aguardo seu retorno quanto à estética e retórica, e se este trecho lhe pareceu convidativo, tal como o que lhe enviei na carta anterior. Mande notícias.*

*Abraços cordiais do seu amigo*

*Victor de Paula*

Na carta seguinte, de Paula comenta sobre criar uma lista bibliográfica do autor ficcional Pierre Menard (que se mantém na versão plagiada de Borges). Nota-se, portanto, que um autor da estirpe de Victor de Paula, que também assina textos proeminentes como *O casal da rua erven* e *Epicentro*, com tamanho apuro satírico, não está em menor grau, nem em menor capacidade, de produzir uma obra desta relevância. Mas então, como Borges teria furtado o autor?

Bem, o artigo publicado pelo INPELINF argumenta que, nessa época, Victor era um autor desconhecido — cenário que pretendemos alterar com este e com uma série de artigos. Há indícios de que Victor e Borges se conheceram num evento literário em que Borges havia sido convidado. É provável que tenham trocado meia dúzia de palavras antes de se reconhecerem autor e crítico literário, respectivamente. A partir daí, Victor teria lhe contado sobre um conto que estava escrevendo, com insinuações da autoridade do autor sobre o texto, sobre a própria autoria etc. Borges, então, teria se oferecido para “dar uma olhadinha” no material, e lhe dar os acabamentos necessários, se assim Victor quisesse, e até mesmo se dispôs a ajudá-lo a publicar o texto, pois a ideia lhe interessara bastante.

Todo esse relato é contado a nós por Fabyolla Hertz em sua autobiografia, cuja maior parte do tomo “Das amizades” destina-se a esclarecer “a enorme injustiça operada contra Victor — em vida e até em sua morte”. Fabyolla continua nos contando que, por estar muito animado com a ideia de uma terceira opinião profissional, Victor teria enviado um manuscrito naquela noite mesmo para a correspondência de Borges. Nessa época, os dois estavam em intercâmbio na Argentina para estudar teorias linguísticas, e a figura retraída de crítico o atraiu — “com sua feição de um personagem essencialmente literário”, também comenta Hertz em *Flor de maio*.

# da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

Dias depois, Victor recebe o manuscrito de volta, com ligeiras alterações indicadas (todas falsas, é claro, para fingir implicância com o mesmo texto que Borges publicaria na íntegra em *Ficções*, dois anos depois). Uma carta acompanhava o manuscrito corrigido, e dizia:

*Prezado Victor,*

*Fiz algumas indicações no manuscrito que me enviou. Decerto, como disse naquele dia, a ideia me interessou bastante, mas creio que não está bem executada. Acredito que, para além de corrigir uma ou outra coisa a partir dos meus apontamentos, cabe reescrever todo o conto — mas não agora, pois, sinto dizer, imagino que uma ideia assim demande de mais referências teóricas e mais experiências literárias, que só o tempo pode conferir. Assim, também é de bom tom que revisite a obra de Cervantes; far-lhe-á bem. E, só então, sugiro que retorne a Pierre Menard daqui a cinco, dez, quinze anos, e verá satisfeito que ele lhe esperará por todo esse tempo, e de bom grado. Mas, até lá, sugiro que lhe dê o devido descanso.*

*Cordialmente,*

*Borges*

Victor, tendo em alta conta a opinião do crítico, desanimou-se e seguiu o conselho, mesmo após as insistências de Fabyolla em reunir o quanto antes *Pierre Menard* junto a outros textos seus, e publicá-los numa coletânea, pois, nesse tempo, uma agente literária (Triz Travassos) que conhecera em sua rotina por institutos e grupos de pesquisa universitários também reconheceu em Victor o brilhante autor que mesmo em sua juventude se mostrava. Mas as falas intrusivas de Borges, em muito levadas com respeito por Victor, já haviam cingido a vontade do verdadeiro autor de levar o texto adiante. É conhecido que Victor continuou escrevendo textos (e a esse período agradecemos pelo conto de fadas moderno *Homenzinhos*, bem como pelo fluxo de consciência chamado *O livro 23*, e ainda pela coletânea de poemas do autor que estão resgatados gradualmente pelo perfil @palavra.um, no Instagram), mas o próprio *Pierre Menard, Autor do Quixote* ficou, como sugeriu Borges, em descanso.

Contudo, a maior injustiça operada por Borges, além de retardar a publicação de um conto especialmente importante na conjuntura literária do autor, é a apropriação desse texto, isto é, o furto intelectual maquinado pela mágoa de um crítico literário que se depara com um objeto de estudo de tanto valor que gostaria, ele próprio, não só de tê-lo estudado, mas de tê-lo criado. Não contente com a possibilidade de ter sido o pesquisador que descobriu a inovação presente em *Pierre Menard*, e expô-la ao mundo, ambicionou prestígio maior: o da autoria.

Tanto o artigo do Instituto e quanto as recordações de Fabyolla Hertz comentam a tristeza que recaiu sobre Victor. Após tamanho golpe, como provar autoria de um texto já publicado, ainda mais se por um crítico literário renomado? As cartas trocadas com Hertz e com Borges — diriam os redatores — poderiam ter sido facilmente falsificadas. Fabyolla não lhe seria uma boa testemunha; antes, sendo sua amiga, seria considerada cúmplice de um golpe.

Com isso, Victor viveu com a angústia do furto autoral por muitos e muitos anos, até sua morte no anonimato. Sua pesquisa não foi mais a mesma — desiludiu-se quanto ao meio acadêmico e literário —, e sua produção prosaica e poética, embora não tenha perdido a qualidade e quantidade, não tinha incentivos internos de serem trazidas a público — o que só acontece postumamente, graças a Fabyolla Hertz, reunida toda a obra em *Veleidades do ser* (vol. I ao XIII).

Quanto ao restante de *Ficções*, inclusive, a pesquisa do INPELINF se mostra reticente; mas é imprescindível pensar que, sendo Borges o autor dos demais contos (mas será mesmo?), todos têm o “ traço Victor de Paula”, mais notoriamente acentuado em *Menard*. Sendo assim, não é exagerado pensar que Borges se fez um Borges à la Victor, e que a obra deste último, além de indispensável enquanto produção criativa, é essencialmente inspiradora, *escrevível* (se quisermos recorrer ao conceito de Silviano Santiago).

Vemos, então, que há uma literatura borgiana e toda uma literatura latino-americana situadas entre a fase pré- e pós-Victor de Paula, porém são poucos os que estão aptos para esse debate — que ainda assim precisa ser repercutido. Tal como Haroldo de Campos fez justiça historiográfica quando escreveu *O Sequestro do Barroco: o caso Gregório de Matos*, também cabe a nós operar remissão a *Pierre Menard* e ao status de sua autoria.

# da GAVETA

**revista da graduação em letras unirio**

De certo modo, quando citam...

---

**DESEJA CONTINUAR LENDO?  
ASSINE O NOSSO BLOG HOJE!  
CLIQUE [AQUI](#) PARA SABER MAIS.**

---